

“A mulher vai mandar”: a presença feminina na imprensa paraibana entre 1960-1964

Piêtra Germana Carvalho de Andrade Porpinoⁱ

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Charliton José dos Santos Machadoⁱⁱ

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil



1

Resumo

O presente artigo aborda os discursos e representações em torno das mulheres no jornal oficial A União entre os anos de 1960 e 1964. O objetivo deste trabalho é discutir a presença feminina no periódico, enfatizando as publicações que contestam o paradigma tradicional e hegemônico de “mulher ideal” da época. Para conduzir esta análise, foi utilizado como aporte teórico as contribuições da História Cultural, os debates sobre gênero e as discussões a respeito do uso dos impressos como fonte. A temática se mostra pertinente diante da necessidade de contextualizar historicamente as representações gênero e colocar em evidência formas de resistência de sujeitos históricos sub-representados pela história tradicional. Os resultados evidenciam os avanços na situação da mulher em relação às décadas passadas: os escritos de mulheres discutem sobre temas considerados “assuntos de homem”, publicações questionam a inferiorização do sexo feminino e figuras femininas importantes aparecem com certa frequência, sobretudo as educadoras.

Palavras-chave: Gênero. História da Educação. Imprensa.

“Woman will rule”: female presence in the Paraíba press in the early 1960’s

Abstract

This article investigates the discourses and representations around women in the official newspaper A União between the years 1960 and 1964. The purpose of this study is to discuss the female presence in the periodical, emphasizing the publications that contest the hegemonic paradigm of the “ideal woman” of the researched period. In order to conduct this analysis, contributions from Cultural History, debates about gender and discussions regarding the use of press as a historical source were used as a theoretical contribution. The subject is relevant considering the necessity to historically contextualize gender representations and highlight forms of resistance of historical subjects underrepresented by traditional history. The results show the advances in the situation of women: the writings of women discuss on topics considered “men's issues”, publications question the inferiority of the female sex and important female figures appear with some frequency, especially the educators.

Keywords: Gender. History of Education. Press.



1 Introdução

2

O avanço das discussões de caráter feminista, sobretudo na segunda metade do século XX, foi responsável por colocar em pauta o questionamento aos padrões de gênero dominantes na sociedade ocidental. Os “anos dourados”¹ foi um período em que as distinções de gênero eram bem mais evidentes. Como as mulheres eram representadas nos impressos deste período? Havia questionamentos ao paradigma hegemônico de “mulher ideal”? Em que medida as mulheres superavam o confinamento a esfera doméstica e se colocavam no espaço público? Este artigo busca responder essas questões abordando a representação das mulheres nos impressos do jornal “A União” de fins dos “Anos Dourados”, mais especificamente, de 1960 a 1964.

O aporte teórico utilizado consistiu nas contribuições da História Cultural, nas discussões sobre o uso dos impressos como fonte histórica e nos debates de gênero. A História Cultural surge com a proposta de radicalizar ainda mais o processo iniciado pela Escola dos Annales, instituindo *novos problemas, novos objetos e novas abordagens*. Essa nova concepção de história possibilita este trabalho, já que torna os debates de gênero um objeto de pesquisa relevante e valida o uso dos jornais como fonte documental para produção historiográfica.

Os estudos sobre o uso de impressos como fonte histórica instrumentalizam e auxiliam a condução apropriada do estudo das fontes levantadas. A análise dos discursos presentes nos impressos devem ser consideradas levando em conta seu contexto social de enunciação e seu caráter dialógico, como afirma Souza (2009, p. 3): “o discurso escrito é, de certa forma, parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.”

¹Os “Anos Dourados” referem-se ao período que se entende de 1945 a 1964. Foi um momento em que o Brasil estava dominado pelo otimismo, sensação de modernidade e por idealismos que influenciaram as representações a respeito da mulher. (PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. São Paulo: Contexto, 2014. 396p.)



Extrapolando o foco no discurso em si, interessa a contribuição de De Luca (2005, p. 114) ao afirmar que os textos passam a interessar "menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam e, poderíamos complementar, também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem." Para completar a condução de uma análise efetivamente crítica dos impressos, faz-se essencial a compreensão das publicações de jornais como textos parciais, movidos por paixões e interesses.

Os debates de gênero também são fundamentais para a efetivação deste estudo. Considerar a importância de reconstituir a trajetória das mulheres como sujeitos históricos a fim de perceber como a sua inferiorização é uma "invenção social" construída a partir de discursos produtores de "verdades" (SCOTT, 1995) foi um dos pontos de partida para a produção desse artigo. Como diria Darsie *et al.* (2018, p. 191) "o que significa 'ser mulher' ou 'ser homem' pode variar profundamente em contextos históricos e culturais diferentes". Outro pensamento essencial nas discussões de gênero é observar as relações de poder não como uma simples dicotomia de dominador e dominado, mas territórios em que há a possibilidade de resistência e enfrentamentos.

O tema tratado é atual e pertinente visto que reconstituir e trazer à tona debates de gênero em diferentes contextos históricos é fundamental para que se evidencie o caráter essencialmente social e histórico das desigualdades entre os sexos. Soma-se a isso a importância de trazer à luz a história e as resistências de sujeitos históricos invisibilizados por uma história tradicionalmente masculina e excludente. O texto iniciará precisando o conceito de "mulher ideal" próprio do período histórico abordado, em seguida serão pontuadas as evidências documentais que apontam para transformações nesse paradigma: textos que questionam a desigualdade de gênero, escritos de mulheres abordando questões que fugiam dos temas considerados "assuntos de mulher" e um breve mapeamento de como as mulheres aparecem no periódico no período pesquisado. As educadoras surgem como figuras relevantes para a sociedade paraibana e evidenciam a importância do magistério como estratégia para as mulheres penetrarem em espaços até então restritos ao sexo masculino.





2 Metodologia

4

A fonte utilizada, o jornal “A União” surge no século XIX como periódico oficial do Estado da Paraíba e representa, em grande medida, as posições que o poder instituído defende. “A União” circulava prioritariamente entre as camadas médias e letradas da sociedade. Deve-se considerar que as altas taxas de analfabetismo da população paraibana da época limitava a penetração das ideias veiculadas no impresso pela totalidade do corpo social.

O jornal contava com 8 páginas e circulava 6 dias por semana. A maior parte das notícias era voltada para política, editais e comunicações oficiais, seus outros elementos são a seção de esportes, coluna social, crônicas e acontecimentos locais. Suplementos literários e a folha “Paraíba Universitária” não eram fixos, mas apareciam com certa constância. Essa riqueza de elementos nos permite observar as mulheres em diferentes espaços, acompanhar importantes debates a respeito da educação e observar a importância das educadoras paraibanas.

Para pôr em prática a pesquisa que deu origem a este artigo, foi utilizada a metodologia de pesquisa documental sócio-histórica de Rodrigues e França (2010). O primeiro passo foi a definição precisa do objeto de trabalho: a mulher e as educadoras paraibanas entre os anos 1960 e 1964. Optou-se por esse recorte por considerar relevante investigar as representações do feminino nos últimos momentos dos ditos Anos Dourados. O segundo passo descrito pelas autoras é a identificação da fonte histórica. Foi escolhido o jornal oficial “A União”, utilizado de forma crítica tendo em vista a história do documento, a sua forma material, seu conteúdo, por quem foi escrito e com que propósito. O terceiro passo foi caracterizar precisamente a fonte utilizada. No caso das notícias selecionadas se precisou o número da edição, a data do jornal, título e autoria da notícia e o quadrante em que está localizada no periódico. O passo seguinte, o cuidado com os termos presentes nas fontes, não foi elemento problemático para a presente pesquisa. Visto que lida com a história do tempo presente, poucos termos levaram a necessidade de decifração. O último passo constitui um elemento essencial do objeto desse estudo. Levar





em conta a fala de atores sociais subalternizados, fundamentalmente o que fazemos quando estudamos as mulheres, tendo em vista a invisibilidade destas como sujeito da história tradicional (PEDRO, 2005, p. 84).

A pesquisa se iniciou com a leitura e fichamento da bibliografia a respeito do tema divididos em quatro eixos temáticos: contextualização histórica, uso da imprensa como fonte, contribuições da História Cultural e utilização de gênero como categoria de análise histórica. Em seguida, passou-se a coleta de dados nos acervos que disponibilizam acesso ao periódico “A União”. A partir da coleta de dados, foi feita a catalogação das fontes documentais divididas nos seguintes subtemas: mulheres, escritos por mulheres, escritos sobre mulheres, educadoras, educação paraibana e educação brasileira. O próximo passo foi a análise das fontes catalogadas em quatro eixos: as educadoras paraibanas, as vozes femininas em “A União”, o papel “tradicional” da mulher e o questionamento ao papel “tradicional” da mulher a partir dos escritos.

3 A “mulher ideal” dos Anos Dourados

Os “Anos Dourados” compreendem o período que vai de 1945 a 1964, momento em que as distinções de gênero eram bem mais marcadas que nos dias de hoje. Este período é representado pelo desenvolvimentismo, populismo, consumismo, influência do “*American way of life*” e esperanças num futuro melhor. Há o aumento significativo do nível de escolaridade da população, especialmente do contingente feminino, mas é importante considerar o que diz Pinsky (2014, p. 18):

A educação escolar das mulheres passa a ser mais valorizada ao lado das concepções arraigadas de que as mulheres devem dedicar-se preferencialmente ao lar e aos filhos, fazendo com que o trabalho da mulher continue cercado de preconceitos e sendo visto como subsidiário ao do chefe da família.

Mesmo com uma maior inserção das mulheres no ensino básico e no mercado de trabalho continuava forte o ideário de uma “mulher ideal”, doce, frágil, obediente, dedicada, maternal e confinada ao espaço do lar (PINSKY, 2014). O dever da feminilidade do sexo



feminino pode ser observado em diversas publicações nos impressos pesquisados. Em entrevistas na coluna social “De brôto para brôto” uma moça da sociedade é questionada sobre as qualidades que aprecia numa mulher, ao que responde “A mulher deve ter a delicadeza de uma rosa e a suavidade de um lírio”. À pergunta “Qual deve ser a maior preocupação da mulher?” responde “Tôda mulher deve andar sempre dentro de uma moral absolutamente cristã” (A UNIÃO, 15/9/63, p. 6).

Já ao ser questionada sobre qual deve ser a maior preocupação da mulher, outra jovem da sociedade paraibana responde: “imprimir um toque feminino em suas atitudes e ações” (A UNIÃO, 22/09/63, p.6). Essas respostas se repetem nas entrevistas as jovens presentes no periódico. A síntese do ideário de “boa mulher” dos Anos Dourados pode ser encontrada na resposta da senhora da sociedade Marieta Silva ao questionamento a respeito do papel da mulher na sociedade:

A mulher e a sociedade necessitam-se reciprocamente. A mulher é imprescindível à sociedade como espôsa, mãe, educadora, religiosa, assistência social ou mesmo como ornamento. Terá que ajudar aos seus semelhantes e amá-los como a si mesma. Deverá ser moralmente forte, amavelmente bondosa. Compete-lhe evitar um falso conceito da sociedade não valorizando exageradamente qualidades aparentes nem cultivando futilidades. A mulher deve ser elegante aliando porém dotes morais e estéticos. A Sociedade deve recompensá-la proporcionando-lhe respeito, proteção e carinho. Da mesma forma acolhendo seus filhos para os quais ela se esforçou de reserva-lhe esse direito. (A UNIÃO, 17/12/63, p.4).

Esposa, mãe, ornamento. Esta era a regra cristalizada na cabeça de homens e mulheres da época. Afirmativas sobre a “mulher ideal” eram ainda mais constantes em publicações masculinas. Na crônica “Mulheres que não o são”, Aurélio de Albuquerque se mostra indignado com o caso em que vedetes do Rio e São Paulo organizaram uma partida de futebol.

Indaguei – mulheres que, no palco, se distinguem pela sua feminilidade, pela beleza do seu corpo e das suas curvas, iam calçar chuteiras, suar, correr pelos gramados, como se *fôssem* homens? Não. Criaturas, muitas delas femininamente femininas, não deviam, *sômente* para fins comerciais, abandonar sua graça física, a leveza das suas formas e enveredar pelo ponta-pé, pelo chute, pela grosseria. E em todos os Estados surgiram cronistas condenando o gesto das vedetes, que se



prestavam para tão destoante papel. (...) Na verdade, a primeira obrigação da mulher é precisamente esta: - saber ser mulher. (A UNIÃO, 03/5/62, p.6)

Segundo Albuquerque, a obrigação da mulher é saber “ser mulher”. Tendo em consideração o título e a premissa o texto de outro cronista, Carlos Romero, parece apontar para uma visão diferente. A publicação intitulada “Feminismo” começa afirmando que a paz mundial só ocorreria se os problemas internacionais fosse confiados às mulheres. Mas não porque elas teriam uma maior capacidade política e intelectual, mas porque são mais “cordatas” e “sentimentais” e resolveriam os problemas com graça, leveza e elegância. Afirma que os embaixadores deveriam substituídos por misses. Texto que num primeiro olhar pode parecer libertador, serve apenas para reforçar estereótipos do sexo feminino.

Estes discursos repetidos continuamente produziam uma “verdade” fruto de criações sociais. Esta invenção social de que a mulher deveria desempenhar um comportamento pré-determinado na sociedade limitava sua vida prática ao confiná-la num limitado papel caracterizado majoritariamente pela obediência e submissão, mas esta não era a única opção. Como já foi dito, onde há dominação há espaço para resistências e enfrentamentos. A situação de esperança e otimismo própria do período investigado se transforma em seus últimos anos, dando lugar à instabilidade social e política. Esses conflitos reforçavam indagações aos paradigmas vigentes, um deles eram os sólidos papéis de gênero.

4 Escritos de mulheres: exceção e regra

Nos cinco anos pesquisados do periódico contabilizou-se escritos de 43 mulheres. Predominavam as poesias, que falavam de amor, da natureza e homenageavam grandes personalidades. Alguns textos em prosa falavam de temas gerais como acontecimentos sociais, receitas, viagens e homenagens. No entanto, alguns textos fugiam à regra dos “temas femininos” discutindo política, economia e sociedade. Esses textos encontravam-





se predominantemente no suplemento “Paraíba Universitária” escrito por estudantes de graduação de cursos diversos.

É considerável a importância desses escritos para se compreender a posição das mulheres no período investigado. Como afirmam Nascimento, Machado e Almeida (2020, p. 4):

As práticas, as representações e as leituras das mulheres paraibanas, ao assumirem as páginas dos Jornais, trazem consigo suas reivindicações e aspirações ao longo de sua trajetória como mulheres, desta forma, seus escritos estão repletos de intencionalidade.

Textos como o “Paralelo entre o desenvolvimento americano e brasileiro” (A UNIÃO, 15/05/60, p. 4) da estudante Silvia Soares discutiam o caráter da colonização brasileira e seus efeitos na sociedade contemporânea. Já em “A universidade e a realidade brasileira” (A UNIÃO, 31/03/62, p. 4 e 7), Maria Bernadete Fernandes analisa a economia brasileira em situação de “dependência do capital estrangeiro e insuficiência de padrões de vida”, a sociedade como antidemocrática e critica a desigualdade extrema que o Brasil padece.

Outro texto interessante é “A importância da Universidade na formação da cultura brasileira” (A UNIÃO, 14/04/62, p. 4 e 7) da estudante de Engenharia Maria Elizabeth Moreno. Moreno critica a elitização do acesso à cultura no Brasil e o processo de “despersonalização cultural do povo” pela influência estrangeira. A estudante analisa que “a Universidade Brasileira tem se restringido quase a transmitir a cultura passada, esquecendo-se de que ela, para sobreviver, tem que receber constante sopro criador” e cobra das instituições a investigação aprofundada da realidade brasileira a fim de resolver o problema levantado sobre a cultura no país.

Ofélia Amorim, citada no texto “Liderança Feminina”, fazia parte da UEEP, órgão de união dos estudantes do estado. Em dois de seus textos publicados fala da importância das Ligas Camponesas e da sua atuação política como estudante no fortalecimento deste movimento. Em “O primeiro congresso de trabalhadores rurais” (A UNIÃO, 28/10/61, p.4), Ofélia discute a importância da politização do homem do campo, importante efetivarem-se





denúncias contra “a opressão e o regime de exploração a que estão submetidos”. A publicação seguinte “SAMDU para as Ligas Camponesas” (A UNIÃO, 27/05/62, p. 4) felicita a conquista das Ligas com a criação de postos do SAMDU nos municípios em que atuam, conclui o texto dizendo:

9

As Ligas Camponesas, sem afastarem-se do seu objetivo principal, a luta pela REFORMA AGRÁRIA radical, estão comemorando o novo triunfo. A voz do camponês, como querem os latifundiários, não se perde no vento. Chega aos ouvidos dos poderes públicos e começa a encontrar eco. Vão partir, fortificados, para a vitória final. E terá breve.

As estudantes dominam as poucas publicações que tratam de temáticas que fogem do padrão das publicações femininas da época. O fato de serem jovens indica uma renovação e a restrição desses assuntos à folha universitária, que tem independência editorial, mostra como agiam os silenciamentos no impresso oficial. Os posicionamentos de todos os textos trabalhados aqui indicam uma afinidade com a esquerda política: a menção a importância de uma reforma agrária radical, a crítica a opressão ao homem do campo, a elitização ao acesso a cultura no país, a dependência do capital estrangeiro e a desigualdade.

A liberdade de defender causas ligadas a um projeto de país progressista é minada na primeira metade de 1964 a partir do golpe civil-militar. A folha Paraíba Universitária deixa de existir, o governo estadual se posiciona em defesa da “revolução democrática” e as vozes femininas que criticam, problematizam e transgridem, desaparecem do periódico.

5 Questionamentos a desigualdade de gênero

A história não é feita só de generalizações, do que é majoritário e hegemônico, há que se levar em conta as vozes singulares, as discontinuidades. Quebrar com uma





história reconciliadora que tende a “tornar liso o que de fato não o é”² é essencial para que se perceba a persistência dos questionamentos aos padrões de gênero nos mais diversos períodos da história. É na década de 1960, com a 2ª onda do feminismo, que essas questões começam a se avolumar no ocidente desenvolvido. No Brasil, especificamente na Paraíba essas ideias tardam um pouco a ganhar força, mas já no início da década aparecem de forma marginal, em poucas, mas poderosas publicações.

O texto “A mulher vai mandar”, sem autoria discriminada, discute o avanço na questão a igualdade de gênero:

Será que a civilização se orienta para o matriarcado? – eis uma pergunta perfeitamente cabível na atual conjuntura dos destinos humanos, e muitos se inclinam, com fundadas razões, para a afirmativa. Não se trata apenas de formular uma hipótese remotíssima, à modo de variação dos temas comuns do momento: a indagação procede de fatos bem significativos, pelos quais é possível avaliar se o crescente prestígio do sexo feminino nas mais diversas situações da vida moderna. Uma estatística elaborada nos Estados Unidos atribui às mulheres uma acentuada preponderância no conjunto das fortunas pessoais daquele país. Ali as mulheres são grandes proprietárias grandes financistas, influem na indústria, no comércio, controlam exércitos de homens. De certo, o divórcio – na maioria dos casos obtidos em detrimento da parte masculina – foi o grande nivelador, ou mesmo de superação do elemento feminino, liberto ali desse conjunto de preconceitos que, no país de formação eminentemente patriarcal, como o nosso, confina a mulher dentro do estreito espaço de um lar. Na Rússia a situação, nesse particular, é de um caráter verdadeiramente revolucionário. Lá as mulheres predominam de maneira decisiva nos mais importantes ramos da atividade nacional – 75 por cento dos médicos são mulheres, para citar um exemplo. Em certos setores da ciência há idêntica preponderância. Quanto ao ensino, é bom nem falar: cerca de 80 por cento no ciclo primário, sessenta no secundário e no superior empatam. Só há um setor onde se encontram em situação de franca inferioridade – é a política. Tal situação sugere uma indagação: será que isso corresponde a uma inferioridade real ou é que os marmanjos já estão tomando sentido no perigo do matriarcado que, na Rússia, depende apenas, para consumir-se, do controle dos quadros políticos? Ainda assim as mulheres participam com 17 por cento de toda representação do soviet supremo da URSS e já conseguiram incluir uma colega no próprio Comitê Central do Partido, que é o seu órgão máximo. Não será de admirar, dentro de poucos anos, uma mulher primeiro ministro. (A UNIÃO, 29/04/60, p. 2)

O texto analisa como as mulheres avançavam em direção à igualdade social internacionalmente. Valoriza a experiência soviética propondo-a como exemplar em

²FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 136p.





reduzir a desigualdade entre os sexos, e mapeia brevemente os avanços das mulheres nas principais potências da época. O texto concentra sua crítica na baixa inserção da mulher na política, mas aponta para uma perspectiva de mudança em direção a igualdade.

Outra publicação que trata do assunto das desigualdades de gênero é uma crônica de autoria de Germana Vidal. Vidal, cronista diária de “A União” trata em sua coluna principalmente dos problemas domésticos, família, viagens e memórias da infância. No texto “Sob o império das saias” diz acreditar numa “superioridade feminina” e afirma que se deve “acabar de uma vez por toda com essa história de sexo frágil”. Mas a medida que o texto vai se desenrolando é possível notar o quão problemático se torna, mesmo sendo uma crônica, gênero literário que deve levar em conta o tom humorístico e cotidiano, as afirmações posteriores reiteram as ideias normativas do deveria ser a mulher da época. Ao afirmar ser preferível uma mulher na presidência continua:

Seria o mandato da beleza, da doçura, do amor e também da coragem (...) Bastaria um número que aparecesse acrescido na despesa do Alvorada, quando um cifrao que fosse, não correspondesse ao que fôra anotado, somado e conferido e a sra. Presidente saltaria feroz do seu gabinete de colher de pau e vassoura em punho, para fazer valer a sua irrecusável autoridade. (A UNIÃO, 15/01/61, p. 5)

A ideia da mulher sempre ligada a beleza e docilidade persiste mesmo idealizando uma figura feminina na maior posição de poder do país. A forma da hipotética presidente fazer valer sua vontade seria através do uso violento de elementos ligados aos afazeres domésticos como a colher de pau e a vassoura e não por seus argumentos e autoridade. A colunista segue falando de um caso familiar em que algumas mulheres da sua família estavam sentadas a mesa “pregando bravuras” quando o pai decide brincar e jogar um besouro para assustá-las, todas correm. Vidal conclui: “Acabar de uma vez por todas esta história de sexo frágil, dizíamos. Mas acabar também para sempre com toda raça de bichos voadores. Porque é apenas isso que estraga nossos planos progressistas”.

Considerando o caráter dialógico dos discursos presentes nos impressos, o texto nos faz perceber como o debate sobre a igualdade de gênero era uma questão cara à sociedade do período. Nas entrevistas da coluna social “De brôto para brôto” citadas no





tópico anterior a questão “Acha que a mulher tem a mesma capacidade intelectual que o homem?” apareceu algumas vezes. Todas as respostas enfatizaram que sim, o que nos faz crer que era uma ideia que as mulheres em geral sustentavam na época. Ao mesmo tempo, as outras respostas, como o restante do texto de Vidal, reforçavam os estereótipos de gênero, estereótipos estes que acabavam por justificar a dominação do feminino.

12

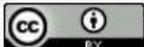
Já o texto “Liderança Feminina”, sem autoria discriminada, é mais crítico e não cai nas contradições do texto anterior.

Possivelmente, um dos tabus mais desfavoráveis à evolução de nossa mentalidade política está representado no falso princípio de inferioridade social das mulheres – o hábito mental que temos, nós, brasileiros, de julgar a mulher uma funcionária e erna da copa e cosinha, sem direito a aspirar outra atuação que venha superar no âmbito das atribuições domésticas.(...) O que queremos condenar apenas é o vício cultural intransigente que herdamos dos colonizadores e exageramos ainda mais: a ditadura social dos homens. A êles estão reservadas quase tôdas as responsabilidades e direitos na condução da sociedade; por força de uma filosofia de vida errada, aos homens estão delegadas quase tôdas as obrigações mais graves, interditando-se à mulher o direito de participação ativa na vida social.

Até no primeiro quarto do século o desdém pelos direitos da mulher chegava ao ponto de muitos pais não permitirem que suas filhas aprendessem a escrever para que, assim, se evitassem as correspondências, ‘os bilhetes para os namorados’ como se dizia, insinuando-se que a educação feminina não teria outro valor senão êste... (A UNIÃO, 10/10/1961, p. 3)

O texto acusa a interdição à mulher da participação ativa na vida social e se mostra esperançoso quanto ao rompimento com “esta tradição aleatória dos direitos da mulher” e mostra-se esperançoso com a “libertação dêste complexo cultural caduco”. Aponta para a dificuldade que a mulher enfrentou ao buscar se inserir no ensino básico, situação já estava em franca transformação no período, com a dominação do magistério básico pelo sexo feminino.

A publicação ainda elogia a atuação de duas acadêmicas, Iza Guerra e Ofélia Amorim, alunas da Escola de Serviço Social e da Faculdade de Direito, respectivamente. São destacadas em suas lutas em prol da reforma agrária e da preservação da democracia e usadas como:





dois exemplos magníficos da mulher moderna. Da mulher que compreende que a vida feminina não é apenas o trânsito inconsequente, entre a cosinha e a 'toilette', cumprindo um papel decorativo ou de coadjuvante nos destinos da sociedade a que pertence. (A UNIÃO, 10/10/1961, p. 3)

Iza e Ofélia atuavam a partir da Juventude Universitária Católica e se colocaram em defesa das Ligas Camponesas, movimentos considerados de esquerda e perseguidos no contexto de repressão. Ofélia aparecerá no periódico como autora de algumas publicações de temas que não eram considerados “assuntos femininos”, temas políticos e de reflexão crítica da sociedade, transgredindo os valores da época.

13

6 Representações das mulheres em “A União”

O padrão do que era “ser mulher” discutido no primeiro tópico deste artigo dominava as páginas do jornal “A União”. Elas apareciam majoritariamente nas colunas sociais, em concursos de beleza e na figura das primeiras damas e suas ações de caridade e assistência social. A única mulher que fazia parte do corpo de colaboradores efetivos do periódico era a cronista Germana Vidal, que, como foi dito, falava de temas domésticos, casamento, problemas com empregadas, viagens, memórias.

Figuras femininas que apareciam constantemente e representavam uma forma de resistência eram as educadoras. Das 927 notícias levantadas, em 138 apareceram mulheres educadoras paraibanas. As professoras ilustres eram temas em crônicas, homenageadas e apareciam em reuniões com a administração do estado. Não apenas professoras do primário, também havia a presença de técnicas em educação (inclusive a nível federal), diretoras de grandes escolas do estado, atuantes na Secretaria de Educação e Cultura e, mais raramente, professoras universitárias. Observa-se que a mulher tinha conquistado a educação básica, mas os espaços ligados a produção do conhecimento permaneciam dominados pelo sexo masculino.

Em diversos textos as professoras eram valorizadas por suas características “femininas” ligadas a maternidade, dedicação e religiosidade. Havia também restrição ao ensino básico e aos cursos superiores predominantemente femininos como Enfermagem,





Assistência Social e Odontologia. No entanto, não se pode deixar de observar como a importância dada as educadoras consistia num franco avanço na questão empoderamento feminino. As educadoras eram mulheres que saíam do confinamento da esfera privada e se inseriam no espaço público adentrando espaços que até então eram vedados às mulheres. As educadoras podem ser caracterizadas como:

14

mulheres imbricadas num processo social múltiplo. Nesse processo, em alguns momentos, as mulheres foram submetidas às práticas de poder que prescreveram os modos de comportamento aceitos socialmente, como, por exemplo, a maternidade, a bondade, o cuidado, a obediência e etc. Em outros momentos, as mulheres assumiram posições que lhes possibilitassem subverter ou conciliar essas representações sociais, se engajando também como intelectuais. (GALVÍNCIO, 2019, p. 30)

Essas eram as representações majoritárias que se encontrava no periódico. Mais pontualmente víamos notícias internacionais, nacionais e até mesmo locais de mulheres atuando na política, mas eram muito raras considerando o volume de impressos pesquisados. Havia certa inserção do sexo feminino em eventos de escritores e nos suplementos literários do jornal. No início de 1964 aparecem cada vez mais notícias de organizações femininas conservadoras. Estes grupos se voltaram para a defesa de um projeto político que instituiria uma ditadura, um governo repressivo que representaria ainda mais obstáculos na luta das mulheres nos anos que se seguem (COLLING, 2015).

7 Considerações finais

Este artigo buscou discutir a presença feminina no jornal oficial “A União” entre os anos de 1960 a 1964. Período de intensas transformações sociais e políticas no nosso país, o otimismo e esperança característico dos “Anos Dourados” deu lugar ao conflito e a bruscas transformações. Neste texto buscamos questionar as fontes em busca das transgressões ao paradigma tradicional do que era “ser mulher” na época. Após situar o que seria este paradigma, partimos de textos que questionavam diretamente o confinamento a esse padrão e a desigualdade de gênero, mostrando esta ser uma questão





em discussão na época. Também foram discutidos os escritos de mulheres que debatiam temas como economia, política e sociedade, tradicionalmente considerados “assuntos de homem”. Por fim, foi feito um apanhado geral sobre as representações da mulher no periódico.

Como vimos, o sexo feminino era sub-representado em “A União. Em cinco anos pesquisados apenas 43 mulheres escreveram para o periódico, dos 15 colaboradores efetivos do impresso apenas 1 era mulher, o único espaço em que as mulheres apareciam de forma constante era a coluna social fixa do jornal. Mas havia resistência, as mulheres que lá escreviam faziam circular as suas ideias e se posicionavam perante a sociedade, as educadoras apareciam como vanguarda deste movimento. Figuras importantes para a sociedade paraibana da época, apareciam constantemente em reuniões políticas, eram homenageadas, escreviam e faziam circular suas ideias evidenciando a importância do magistério para a conquista feminina do espaço público e de posições de prestígio.

Observando não o geral, mas as vozes singulares e tendo em conta todos os obstáculos que a fonte utilizada impõe, conseguimos enxergar mais apropriadamente a mulher paraibana dos primeiros anos da década de 1960. Ela estava nos lares, mas também nos jornais, nos livros, nas escolas, no funcionalismo público, nos setores administrativos e até mesmo na política. A luta irá se aprofundar com o passar das décadas e continua até os dias atuais. Trabalhos que tornam “visível aquela que fora ocultada”³ são fundamentais na construção de uma história que contemple efetivamente todos os atores sociais.

Referências

COLLING, Ana Maria. 50 anos da ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. **OPSIS**, Catalão, v. 15, n. 2, p. 370-383, 2015.

³LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 179p.





DARSIE, C.; HILLESHEIM, B.; WEBER, D. L.; ROSA, R. DE C. A produção da mulher ideal no filme Ela: Questões sobre gênero e performatividade no cinema. **Educação & Formação**, v. 3, n. 3, p. 189-203, 3 set. 2018.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. 302p.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 136p.

GALVÍNCIO, Amanda Sousa. **A trajetória intelectual de Eudesia Vieira: educação, feminismos e história pátria (1921-1955)**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/201922504400d3174429350a5af4dfe23/TESE.AMANDA.2019.pdf> Acesso em 17 de ago. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 179p.

NASCIMENTO, Gabriel Alves do; MACHADO, Charliton José dos Santos; ALMEIDA, Aline Rodrigues de. Escritos e representações de Jandira Pinto: a reformuladora de Pindobalna Paraíba do século XX. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.1, e313816, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.3816>

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, v.24, n.1, pp. 77-98, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014. 396p.

RODRIGUES, Denise S.; FRANÇA, Maria do Perpetuo Socorro. A pesquisa documental sócio-histórica. IN: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanildo Apoluceno de (org.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010. p. 55-74.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez., pp. 71-99, 1995.

SOUZA, Eliezer Felix. A imprensa como fonte para pesquisa em História e Educação. In: VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas, 2009, Campinas. **Anais do VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**. Campinas, 2009, p. 1-21. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/files/LGXixSF7.pdf Acesso em 15 de ago. 2020.





ⁱ **Piêtra Germana Carvalho de Andrade Porpino**, <https://orcid.org/0000-0002-9922-739X>

Universidade Federal da Paraíba, Curso de Pedagogia.

Graduanda em História na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista PIBIC/CNPq sob a orientação do professor Dr. Charliton José dos Santos Machado (UFPB) (2018-2020). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas "História da Educação da Paraíba" (HISTEDBR/PB).

Contribuição de autoria: idealização, realização da pesquisa e escrita-primeira redação

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5316867972385367>

E-mail: pietraporpino@gmail.com

ⁱⁱ **Charliton José dos Santos Machado**, <https://orcid.org/0000-0002-4768-8725>

Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Educação, Curso de Pedagogia.

Pós-Doutorado em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/2009). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/2001). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/1997). Licenciado em Ciências Sociais (UFPB/1994). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba/UFPB.

Contribuição de autoria: idealização, realização da pesquisa e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2036729143677618>

E-mail: charlitolara@yahoo.com.br

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Ana Michele da Silva Lima

Como citar este artigo (ABNT):

PORPINO, Piêtra Germana Carvalho de Andrade; MACHADO, Charliton José dos Santos. "A mulher vai mandar": a presença feminina na imprensa paraibana entre 1960-1964. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e43918, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.47149/pemo.v4.3918>

Recebido em 01 de setembro de 2021.

Aceito em 25 de outubro de 2021.

Publicado em 04 de janeiro de 2022.

